

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 008 12/03/2007 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (12/03/07)**GRÃOS** (Preço líquido pago ao produtor)Feijão Carioca¹ - R\$ 40,00-50,00 / sc de 60 kgMilho² - R\$ 17,00 / sc de 60 kgSoja² - R\$ 28,00 / sc de 60 kg**HORTALICAS**³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 12,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 28,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 22,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 15,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,70 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 28,00 / Dz

Mandioca - R\$ 8,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ xxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 18,00; Estufa R\$ 20,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 12,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 14,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 50,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 22,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 1,20 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ xxx / cx 20 kg

Limão - R\$ 8,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA**Bovino**Arroba⁴ - R\$ 52,00 Não Rastreado e R\$ 54,00**Rastreado**Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados)⁵
- R\$ 370,00**Leite**Litro⁶ - Latão: R\$ 0,00 ; Tanque: R\$ 0,55**Suíno**⁷ - Vivo

Kg - R\$ 1,92

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,58

Carneiro⁸Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50
ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80**Peixe**⁹ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,50

Avestruz¹⁰ - vivo

Kg - R\$ 5,50

Recortes**Preço do suíno vivo cai mais de 10% em fevereiro**

Os preços do suíno vivo continuaram em queda nos últimos dias. O animal foi negociado, nessa quinta-feira (01-03), a R\$ 1,88/kg na Grande Campinas (SP), desvalorização 4,43% em sete dias. No mês de fevereiro a queda foi de 10,44%. Além da menor demanda por conta das elevadas temperaturas, a oferta também aumentou no final do último mês.

Produtores têm optado por vender parte do plantel tendo em vista que a permanência do suíno na granja implica em aumento dos custos - os preços dos insumos continuam em alta, principalmente os do milho. Além disso, o mercado geralmente rejeita suínos excessivamente pesados, o que também pressiona suinocultores a ofertar.

Fonte: Cepea**Volume de leite captado cai e preço sobe em fevereiro**

Os preços médios do leite pagos aos produtores em fevereiro subiram 2,32%, frente aos valores de janeiro, conforme o levantamento mensal do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP). O estudo aponta que o volume de leite captado pelos laticínios de sete Estados pesquisados em janeiro caiu 2,88%, em comparação com dezembro do ano passado.

Os resultados da pesquisa confirmam as projeções do setor, que esperavam uma queda da produção e a conseqüente elevação das cotações, por conta do excesso de chuvas no mês de janeiro. Nas principais regiões produtoras de leite, as chuvas agravaram as condições de tráfego nas estradas e reduziram a produtividade do rebanho.

Os aumentos dos preços foram maiores nos Estados de Minas e Goiás, principais produtores do País, onde os reajustes superaram os 3%. Em Minas, o incremento foi de R\$ 0,0182/litro e em Goiás, de R\$ 0,0150/litro. A média nacional ficou situada em R\$ 0,4509/litro. Em contrapartida, o volume de leite recebido nestes dois Estados 7,56% e 1,70%, respectivamente.

Fonte: Agência Estado**Mudanças em leis alteram Estatuto da Terra**

A mudança na redação do artigo 65 (que define as regras para a divisão de imóveis rurais) do Estatuto da Terra, um dos itens da lei 11.446 publicada no dia 5 de janeiro, está chamando a atenção de especialistas do setor. De acordo com a nova edição, os imóveis rurais poderão ser parcelados em áreas inferiores às medidas do módulo rural, desde que a divisão seja feita pelo poder público nos programas de reforma agrária e agricultura familiar. "Isso significa a volta dos minifúndios improdutivos e o favelamento rural", avalia o advogado agrarista Augusto Ribeiro Garcia.

Fonte: Estado de São Paulo

Tempo de colheita

O galope dos preços internacionais dos principais grãos e as recentes elevações das estimativas para a safra 2006/2007 apontam para um ano excelente para a agricultura brasileira.

Os dois principais organismos de prospecção projetam um aumento entre 4,7% (Conab) e 9,7% (IBGE) na safra deste ano, apesar da redução da área cultivada, calculada em cerca de 4%. Assim, a produção esperada vai de 126,5 milhões a 127,9 milhões de toneladas, a maior dos últimos quatro anos.

Outros indicadores corroboram essas previsões. Em dezembro, as vendas de fertilizantes aumentaram 24,3% em relação às de dezembro de 2005, segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda). Dados da Anfavea mostram que as vendas de colheitadeiras em janeiro deste ano cresceram 22,4% sobre as de janeiro do ano passado.

Se as projeções se confirmarem, será inevitável o impacto sobre o fluxo da produção nas rodovias e nos portos nacionais quando a colheita estiver no auge.

A safra também está sofrendo influência da expansão do consumo mundial de etanol. Com o milho nos Estados Unidos sendo em boa parte desviado para essa nova destinação, os estoques têm diminuído. Os preços subiram 65,9% desde meados de setembro do ano passado. Outro efeito é a diminuição da área plantada com soja nos Estados Unidos para abrir espaço para o milho. Desde setembro, os preços do bushel de soja subiram 36,2% na Bolsa de Chicago.

O Brasil tem tudo para aproveitar esse vácuo. Mas, para não se afogar nos custos, terá de prover investimentos pesados, principalmente em armazenamento e condições portuárias. E, se lembrarmos que os maiores produtores brasileiros de milho estão na Região Centro-Oeste e, portanto, longe dos principais portos, a preocupação com a recuperação das estradas deve aumentar.

Sem novos investimentos, podem vir a se repetir as cenas de filas de caminhões parados nas rodovias que desembocam nos principais portos, como aconteceu em 2003. “Não acredito que haja novo caos, mas o futuro do agronegócio brasileiro depende da melhora da infra-estrutura”, adverte Amarylles Romano, da Tendências Consultoria.

O analista de mercado da Agra-FNP Fábio Turquino alerta para outro risco: o de que o mercado de soja enfrente volatilidade maior do que a de anos passados. “Os preços tomaram carona na alta do milho, mas os estoques mundiais estão muito altos.” Isso significa que a qualquer momento os preços podem sofrer ajustes, inclusive para baixo. “O produtor brasileiro precisa estar consciente disso e buscar ferramentas financeiras para planejar uma gestão de risco”, diz.

O setor ainda não se recuperou completamente do sufoco verificado em 2004 e não revertido em 2005. O engenheiro agrônomo do Instituto de Economia Agrícola (IEA) José Sidney Gonçalves observa que o agronegócio brasileiro só dará um salto de qualidade quando a produção anual chegar a 150 milhões de toneladas. “E isso só vai acontecer quando os gargalos da infra-estrutura estiverem resolvidos.”